



“NÓIS EXPLODIU”: OS JOVENS E A APROPRIAÇÃO DA CIDADE A PARTIR DO POETRY SLAM

Lilian Aparecida de Souza ¹

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados preliminares de inventários e mapeamentos que buscam mostrar como o poetry slam se espacializa na cidade de Juiz de Fora a partir da ação de jovens poetas. Para tanto, utiliza-se pesquisa documental e etnografia virtual. A pesquisa mostra que no Brasil o slam é ressignificado a partir de sua apropriação por jovens de territórios populares, e que na cidade mineira obteve rápida reverberação socioespacial. Além disso, indica que através do slam os jovens aumentaram suas redes de sociabilidade e passaram a circular de forma mais intensa por Juiz de Fora, apropriando-se dela com suas corporeidades.

Palavras-chave: Jovem, cidade, *poetry slam*, Juiz de Fora.

ABSTRACT

This academic work presents results of preliminary investigation and mappings about poetry slam in Juiz de Fora. The methodology used was documentary research and netnography. Research shows that poetry slam is ressignified from its appropriation by young people from popular Brazilian territories. In Juiz de Fora, its reverberated. Research indicates that young poets have increased their sociability networks and circulate more intensely through Juiz de Fora.

Keywords: Young, city, poetry slam, Juiz de Fora.

INTRODUÇÃO

Poetry slam, ou apenas slam, é uma competição na qual poetas declamam em poucos minutos poemas autorais e são avaliados pelo público presente, que no final de algumas rodadas, sagra um vencedor ou uma vencedora. Surgiu de improviso num bar de Chicago - EUA, na década de 1980, se conformando como uma celebração democrática da poesia e ganhando reverberação socioespacial.

Em nosso país chegou em 2008, por iniciativa de Roberta Estrela D’Alva, mulher negra e periférica ligada à cultura hip hop. Aqui foi ressignificado a partir de sua apropriação pelos jovens dos territórios populares das cidades, que tiraram o slam das salas de espetáculos e o transformam em ágoras poéticas nas ruas, praças e escolas do centro e das periferias brasileiras.

¹ Doutoranda com bolsa CAPES no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF. Pesquisadora associada ao Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação da Universidade Federal de Juiz de Fora (NUGEA/UFJF), liliansouzageo@gmail.com.



Essa apropriação mudou a forma como o slam se configura e se espacializa, rompendo com sua concepção como simples competição e se transformando num movimento de resistência e existência de jovens periféricos. Mudou também a história e a condição juvenil desses homens e mulheres, que através das experiências vivenciadas no slam passaram a ocupar o espaço público e as mídias virtuais se afirmando como sujeitos políticos, questionando a invisibilidade do seu e dos demais corpos periféricos e os lugares a eles preestabelecidos.

Na cidade mineira de Juiz de Fora, a primeira batalha de slam ocorreu em 2017, por iniciativa de jovens moradores do bairro Santa Cândida, e atualmente já totalizam dezenas de edições e diversas comunidades organizadoras. “*Nóis explodiu*”, disse sorrindo um dos jovens poetas do bairro periférico em um debate na UFJF. Essa expressão representa bem o processo de ocupação da cidade pelos jovens poetas, visto que o slam rapidamente ganhou força, *tomando de assalto* a cena cultural juizforana

Acompanhando essa movimentação, foi que surgiu a proposta da pesquisa de doutoramento e deste trabalho, que apresenta resultados preliminares de inventários e mapeamentos iniciais que buscam mostrar como o *poetry slam* se espacializa na cidade de Juiz de Fora a partir da ação de jovens poetas.

Para alcançar os objetivos propostos, dois caminhos foram trilhados, sendo o primeiro um resgate histórico do slam na cidade, e o segundo seu processo de espacialização no período de 2017 até primeiros meses de 2020, quando medidas de isolamento social foram tomadas em decorrência da pandemia de Covid-19.

O primeiro movimento metodológico foi a construção de uma base teórico conceitual e a segunda etapa contou com pesquisa documental e etnografia virtual como métodos inventariantes. Foram analisadas as postagens feitas pelas páginas oficiais das três comunidades organizadoras de slam em Juiz de Fora nas redes sociais, bem como reportagens, vídeos publicados e arquivos disponibilizados pelos jovens participantes do slam. Também as anotações realizadas pela autora em caderno de campo durante suas idas ao slam e vivências junto aos jovens poetas foram importantes fontes para a elaboração desta pesquisa.



SER JOVEM DA PERIFERIA: BREVES APONTAMENTOS

Os jovens inventam e criam modos de ser a partir das experiências individuais e coletivas que vivem, e também das relações que estabelecem no espaço e tempo. Estas devem ser entendidas de forma específica à luz das diversas mediações que permeiam suas vidas, tais como classe, gênero, cor da pele, território e outras. Nos dirá Juarez Dayrell (2003, p.43-44) que é nesse processo que “(...) cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito: um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao se mundo e às relações que mantém”. Neste entendimento, é importante demarcar a pluralidade das juventudes, atribuindo significados a ela (CASSAB, 2016).

Jorge Luiz Barbosa (2013) identifica uma tríade de categorias que atravessam a vida dos jovens e indica que elas podem ser chaves de leitura para a compreensão desses sujeitos em sua multiplicidade, são elas: diversidade, diferença e desigualdade. A diversidade remete aos recortes étnicos, raciais e culturais, cujas dinâmicas e relações originam várias formas de ser jovem, demonstrando a complexidade não só das juventudes, mas também das sociedades. A desigualdade tem a ver com o lugar que se ocupa na sociedade de classes e como isso se materializa em condições socioeconômicas, acesso à vida urbana e garantia de direitos. Já a diferença diz respeito à dimensão sociocultural, ao modo de vida, às narrativas e práticas que fazem dos jovens sujeitos autônomos e coletivos com suas identidades, sexualidade, hábitos e costumes.

Diversos, diferentes e desiguais, em seu viver em sociedade os jovens vão trilhando caminhos que os proporcionam experiências distintas na cidade, e nesse percurso criam uma série de iniciativas para fruir, aparecer, falar de si, confrontar a ordem estabelecida e o lugar que os é reservado. Entretanto, no caso dos jovens das periferias – que são plurais - esse processo torna-se mais arduo diante da gama de restrições materiais e simbólica que se deparam ao buscar seus direitos e vivenciar a cidade (BARBOSA, 2013).

Na cidade desigual e marcada pelo racismo estrutural, seus corpos e passos são restritos, normatizados ou vigiados, dando a esses jovens, que em sua maioria são negros e negras, possibilidades diminutas de se apropriarem econômica, social e culturalmente da cidade, empobrecendo sua experiência urbana. Enfrentam diariamente barreiras para se apropriarem dela, inclusive das oportunidades de lazer e cultura, que estão cada vez mais ligadas ao consumo. Esses jovens, mesmo diante de uma política de morte, insistem em viver e inventar possibilidades outras de ser, de vir-a-ser e de tensionar a cidade como lugar da multiplicidade



e da política. Fazem isso através de ações diversas, dentre elas, as produções artístico-culturais. Estas vem atraindo olhares nas últimas décadas, apontando para outro imaginário simbólico desses lugares, caracterizando esta movimentação como “um novo movimento político na cidade”, protagonizado, sobretudo, por jovens” (ALMEIDA, 2014, s/p.).

Pode-se identificar o slam como parte desse movimento. Embora no Brasil o *poetry slam* seja recente, tendo chegado em 2008, a partir de Roberta Estrela D’Alva e do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, grupo de teatro ligado à cultura hip hop, ele é ressignificado e logo se enraíza na terra já fértil pelos saraus, pela literatura marginal e periférica e por outras expressões, que desde os anos 1990 vem *tomando de assalto* a cena cultural das cidades brasileiras, contribuindo por tensionar e transformar a compreensão do que é a periferia e os homens e mulheres periféricos.

De maneira geral, as periferias são marcas dos processos de estruturação e organização espacial da sociedade capitalista, que se pauta pela desigualdade e tem a propriedade privada e a espoliação do trabalho em seu cerne. “Periferia é periferia (em qualquer lugar)”, versam os Racionais MC’s², e de fato são, só que em nosso país sua configuração se agrava por conta do racismo estrutural, herança cruel do colonialismo e da escravidão. O que vai resultar num processo brutal de negação de direitos aos pobres e negros e a produção de um espaço urbano fragmentado e segregado, sendo as periferias materializações espaciais desse processo (SILVA; BARBOSA, 2013).

São os jovens moradores destes territórios os que mais sofrem com as representações e estigmas que envolvem as periferias. Isso porque, de acordo com Cassab (2016), os jovens são sujeitos sociais e vivem sua condição juvenil a partir dos tempos e espaços que estão inseridos. Na sociedade brasileira, os jovens pobres, principalmente os negros e negras, tem seus corpos cerceados e negados, e o acesso aos direitos sociais mais básicos dificultados, sendo frequentemente vítimas da violência e da falta de perspectivas pessoais e profissionais. Entretanto, diante das distâncias físicas e simbólicas impostas aos seus corpos, os jovens de periferias têm produzido uma gama de respostas. Uma delas tem a forma de poesia e toma as ruas das cidades brasileiras através do *poetry slam*.

De acordo com Roberta Estrela D’Alva (2014, p. 109), o slam é “além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo”. É uma manifestação

² Canção do álbum *Sobrevivendo no inferno*, de 1997.



político-performática que desponta como uma democrática e inventiva prática de poesia, que se configura em distintas escalas como uma das cenas culturais mais potentes na atualidade. Em nosso país a competição chega em 2008, mas apenas a partir de 2013 vai ganhar visibilidade e se espalhar pelos distintos centros urbanos devido às possibilidades abertas pelas postagens das performances poéticas nas mídias virtuais.

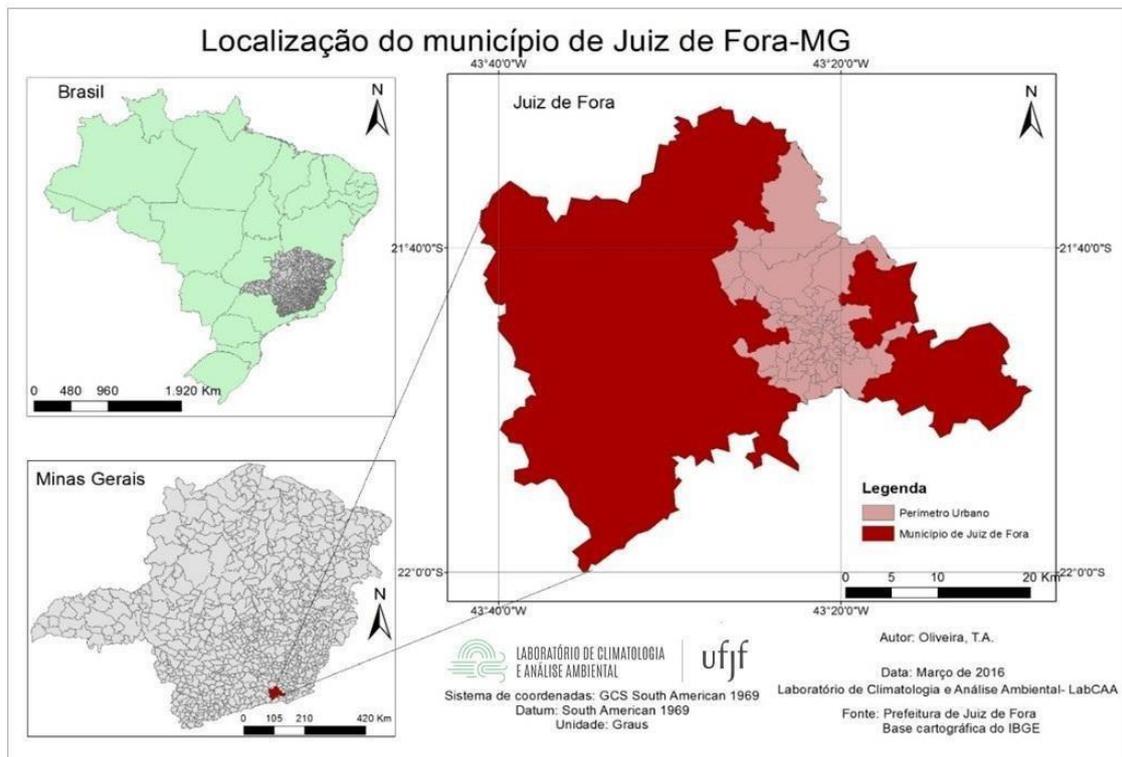
À medida que número de visualizações dos vídeos postados pelo Slam Resistência crescia, o público aumentava e novos slam surgiam em distintas cidades brasileiras, dentre elas Juiz de Fora. Também mais poetas se somavam, compartilhando em suas performances poéticas suas experiências corpóreas e vivências urbanas. Fato que ocorreu com jovens poetas do bairro Santa Cândida, que junto com um grupo mais amplo, organizaram a primeira edição da competição de *poetry slam* na cidade mineira.

“A GENTE VAI CRESCENDO ATÉ CABER EM LUGAR NENHUM”³: O SLAM EM JUIZ DE FORA

Juiz de Fora é a maior e mais influente cidade média da zona da mata de Minas Gerais (Figura 1), se configurando historicamente como polo econômico, político e cultural da região. Marcada por profundas desigualdades socioespaciais, a cidade segue projetos e vetores de expansão resultantes da articulação do poder público e da iniciativa privada, que visam o espaço como uma mercadoria. Apartadas desse processo estão as periferias, que a cada dia crescem não só em Juiz de Fora, mas em todas as cidades brasileiras.

³ Fragmento do poema *Tiros*, escrito por Bor Blue, poeta paraense que toca, canta e escreve sobre luta, resistência e sobrevivência. .

Figura 1: Mapa de localização da cidade de Juiz de Fora, MG - Brasil.



Fonte: Oliveira et. al, 2020.

Nos versos de Murilo Mendes (1901 – 1975), poeta modernista de renome nacional que nasceu na cidade, “Juiz de Fora é um trecho de terra cercado por pianos por todos os lados” (MENDES, 2018). Todavia, fora dos espaços brancos e elitizados, com seus festivais de música fechados nos teatros, a cidade é tambor, afoxé, chocalho e berimbau, tal como lembra a Funalfa⁴. É também o movimentar dos corpos e o entoar das vozes de homens e mulheres negros e pobres que marcaram e marcam profundamente a cultura da cidade. Este é o caso do bairro Santa Cândida, localizado na região Leste da cidade, ponto de resistência e difusão desta cultura negra e periférica e de onde jovens ousaram sonhar em organizar um slam em Juiz de Fora.

Os jovens se encontravam diariamente na Escola Municipal Santa Cândida, situada no bairro de mesmo nome, e embora já rascunhassem versos, ela passou a fazer sentido a eles no 9º ano do Ensino Fundamental por intermédio do professor de história e poeta, que os emprestavam livros e estimulava a escrita. Conheceram o slam no final de 2016, ao assistirem vídeos de performances poéticas publicados nas redes sociais. A identificação foi imediata,

⁴ Frase escrita em *banner* na fachada do prédio da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage - Funalfa, órgão da Prefeitura de Juiz de Fora que é responsável pela política cultural do município. Atualmente é coordenado por Giane Elisa, uma mulher negra ligada à cultura periférica da cidade.



porque de um lado e outro da tela estavam jovens moradores de diferentes territórios periféricos que tinham na poesia uma das suas maneiras de se expressar. Instantânea também foi a vontade de fazer algo parecido, tanto que pouco tempo depois acontecia a primeira edição de *poetry slam* em Juiz de Fora, o Slam da Ágora, no dia 11 de fevereiro de 2017, na referida Escola. Comentando sobre como se deu esse processo, o jovem Mohammed relata:

Nunca tinha tido (*slam em Juiz de Fora*)! Só... no máximo sarau. E memo assim, nem sarau chegava na gente né vei? Porque sarau sempre foi uma coisa que tava mais no centro ou às vezes nem no centro, tava na Universidade... Eu nem sabia quê que era sarau, fui saber quê que era sarau depois que eu fui saber quê que era slam... E pra trazê o slam pra cá, foi tipo assim, eu e o Yuri. Nós tava fazendo poesia, tava começando a escrever de fato. O Yuri tava até com cadernin já. Sacou? Eu tenho ali na minha gaveta, os rascunho tudo daquela época... Mas nós nem conhecia poeta, só de livro. No máximo nós ia, tipo assim, “ah, os moleque ta fazendo uma rima lá, vamo metê o loko e vamo ali no meio declamar”, tipo essas treta assim, “ninguém vai perceber não”. Mas pa trazê o slam de fato, foi quando a gente chegou, falou “não, mano, vamo tentá fazê... Pô, deve tê poeta em Juiz de Fora...” (MOHAMMED apud MARQUES, 2019, p.207-208).

E, de fato, havia muitos poetas na cidade e esse número não parou de crescer e aparecer desde a primeira edição do slam em Juiz de Fora, que foi organizada por um grupo amplo. Isso porque sem saber como fazer o evento, os jovens poetas buscaram ajuda e chegaram em Adenilde Petrina Bispo, mulher negra cuja história se funde com a história do bairro Santa Cândida e da cultura periférica na cidade e que atualmente participa do Coletivo Vozes da Rua. Também a Confraria dos Poetas, da qual faz parte o professor de história, se juntou na *missão*, e assim como eles, alguns outros poetas independentes e apoiadores. A edição inaugural do slam contou com a participação de Del Chaves, um dos fundadores do Slam Resistência de São Paulo, que ministrou uma oficina e foi o *slammaster* do evento que teve performances poéticas e apresentações ligadas à cultura hip hop. Em entrevista concedida ao poeta Vitu (MARQUES, 2019), Mohammed conta que o trabalho foi todo realizado por eles e que não imaginava qual seria o resultado.

Nós não fez evento no facebook, nós só soltou o flyer na página. Eu acho que não teve evento esse. Tá ligado? evento de facebook... Então a gente num tinha noção, quantos ia comparecer, quantos ia... quantos tava interessado, só tinha gente compartilhando, nós pensou: “ih, mano, vai pouca gente vei...Nego ta compartilhando, nego vai ler e nem dá atenção não...”. Só que aí no dia, doido, eu tinha até feito umas poesiazinha né, achando que ia chegar lá ia ter pouca gente... Bagulho lotou, fi! (...) E começou a chegar muita gente! Eu falei: “Mano, nem vou declamá mais...cê é doido, fi, óia só o tanto de gente que tem aí...”. E foi assim, mano, eu acho que o evento... O evento slam chegou pra Juiz de Fora assim, no perrengue. E como uma treta de periferia memo. (MARQUES, 2019, p.209-2010).



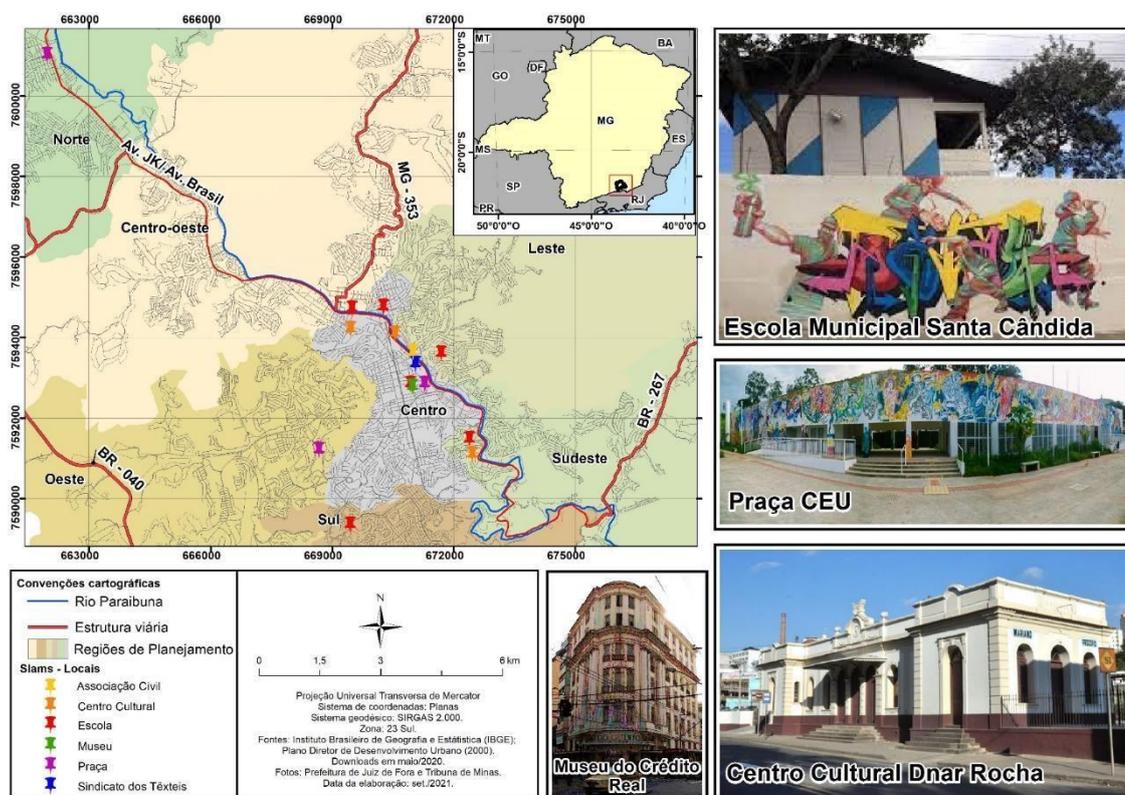
A fala do jovem poeta demarca o caráter periférico que o slam tomou no Brasil e mostra que mesmo com algumas dificuldades, eles conseguiram se organizar e buscar meios de viabilizar a primeira competição poética em Juiz de Fora. O que deu certo porque um grande contingente de poetas e público de distintos bairros, idades e estilos subiu o morro e foi à escola pública do bairro periférico para participar de uma nova modalidade de poesia oral. Muitos desses pisavam pela primeira vez no Santa Cândida, território cujo imaginário de lugar violento é disputado pela arte e cultura que historicamente produzem e que tomam a cidade.

De acordo com D'Andrea (2013), a produção artístico-cultural dos homens e mulheres periféricos tencionam o binômio pobreza e violência estabelecido de fora do território para a representação das periferias, passando a disputá-lo pelo de cultura e potência, que apontam para outro imaginário simbólico desses lugares. Este, por sua vez, pautado por seus moradores e moradoras como espaços plurais e criativos, compostos por uma multiplicidade de práticas sociais e culturais.

Infere-se que foi o legado de (re)existências dos moradores e moradoras do bairro Santa Cândida que contribuiu para que o slam chegasse em Juiz de Fora com força e se *espalhasse como pólvora* entre os jovens do bairro e de diversos outros territórios periféricos da cidade, não sem conflitos e estranhamentos. Tanto que depois da terceira edição do Slam da Ágora, ele se divide em dois, e logo depois, em três: o Slam da Ágora, a Batalha Poética da Ágora e o Slam de Perifa.

Em Juiz de Fora, o slam teve rápida reverberação socioespacial e em menos de um ano foi tema de uma série de reportagens no jornal de maior circulação local, que classificou a movimentação gerada pelo *poetry* slam como “uma célula revolucionária” (ELMOR, 2018). Antes da pandemia três comunidades organizavam 4 batalhas, que desde 2017 totalizaram cerca de 50 edições de slam na cidade, são elas: Slam da Ágora e Batalha Poética da Ágora (voltada para estudantes de educação básica), organizados pela Confraria dos Poetas, seção local da entidade nacional ligada à poesia; Slam de Perifa, organizado pelo Vozes da Rua, coletivo de cultura hip hop do bairro Santa Cândida; e Mais1 Slam, mobilizado por uma professora e poetas de grande visibilidade na cidade por já terem participado de batalhas em nível nacional e internacional. O mapa abaixo espacializa as edições do slam em Juiz de Fora (Figura 2).

Figura 2: Mapa de localização das edições de Slam na cidade de Juiz de Fora, MG - Brasil.



Fonte: A autora, 2021.

Escolas, centros culturais, praças, museus e sindicatos foram palco de edições do slam em Juiz de Fora, sendo que o maior número de competições aconteceu na região central da cidade. Isso se justifica pela facilidade de acesso via transporte público e pela presença concentrada de equipamentos culturais e de lazer, como mostra a pesquisa de Rosa, Fantin e Okada (2020). As batalhas ocorreram também em bairros periféricos das regiões Oeste, Sul, Sudeste, Norte e Leste. Vale destacar que outros eventos de *poetry slam* aconteceram na cidade, mas estes tinham a característica de serem pontuais, como o Slam do Encontro, Slam das Manas e Slam do IF. Além disso, incontáveis oficinas de poesia, encontros de apresentação do slam e saraus ocorreram em escolas públicas e privadas de Juiz de Fora.

Vivenciando ativamente esta movimentação do slam pela cidade, os jovens poetas acabaram por transformar suas histórias de vida e sua condição juvenil através das novas experiências. O relato de uma jovem poeta negra, moradora de um bairro periférico distante 16 km do centro da cidade, vai exemplificar o que mudou em sua relação com a cidade a partir da poesia. Ela diz:



Eu conhecia os bairros, já tinha ouvido falar, mas nunca falei assim vou lá. Até o Floresta que é perto de Caeté, eu nunca tinha ido lá, nunca. Ai o que aconteceu, ia ter um role (apresentação do slam) no Retiro que é próximo aqui, Retino nós tira de letra porque é próximo. Aí depois ia ter um rolê lá no Floresta e a gente foi e eu falei assim: gente eu nunca tinha ido no Floresta que é perto (...). E teve também vários rolê no centro, muito lugar que eu nunca tinha ido, até no Bernardo Mascarenhas ali no centro, o museu Murilo Mendes, eu nunca tinha entrado lá dentro, na biblioteca municipal. (Poeta J. apud NUGEA, 2021)

A fala da poeta mostra que através das experiências desencadeadas pelo slam ela passou a circular mais pela cidade. Contudo, é interessante ressaltar que esta jovem não conhecia um bairro próximo ao seu, nem tinha ido a equipamentos culturais gratuitos localizados no centro de Juiz de Fora, mesmo estudando numa escola pública que é vizinha a eles. O que se percebe com a vivência da poeta é que os jovens periféricos têm o uso limitado da cidade e enfrentam diariamente barreiras para se apropriarem dela, o que piora quando se é negro ou negra.

Em sua tese de doutorado Cassab (2009) ouviu de diversos jovens pobres de Juiz de Fora que o acesso aos recursos da cidade é o principal fator que os diferencia dos outros jovens. Eles relataram também que seu ir e vir é restrito ao centro, aos bairros vizinhos ou aos que são física e socialmente semelhantes aos seus, sendo sua circulação limitada a uma pequena parte da cidade que aceita a sua presença, o que os dificulta de conhecer e se apropriar de Juiz de Fora em sua totalidade. A partir destas falas, a autora mostra que a mobilidade do corpo jovem periférico pela cidade é restrita, seu acesso aos lugares é reduzido e os principais impactos disso são sentidos nas atividades sociais mais básicas como educação, saúde, trabalho, cultura e lazer.

É importante dizer que fisicamente as distâncias não são intransponíveis, embora questões como as longas distâncias, o preço alto, a qualidade e a efetividade do transporte coletivo sejam colocadas. Mas as distâncias sociais e a sensação de não pertencimento, essas sim, impõem limitações no movimento dos jovens na cidade através de constrangimentos simbólicos e restrições corpóreas. Isso porque, tal como indica Barbosa (2013), mais do que conjunto de fixos e fluxos e de sistemas de objetos e de ações, as cidades são um conjunto de signos, sinais e símbolos que precisam ser lidos. Nesse sentido, a apropriação e o uso da cidade pelos sujeitos desiguais vai depender da capacidade que estes têm de lerem esses códigos. Todavia, não são todos os jovens que estão culturalmente preparados para interpretar a cidade, suas ruas, bairros e territórios, o que os dificulta ou impede de acessarem determinados espaços e usufruírem de equipamentos.

Entretanto, o que se nota é que diante das distâncias físicas e simbólicas impostas aos jovens das periferias, estes homens e mulheres passam a tencionar esta condição e a ampliar suas leituras da cidade a partir do momento que começam a participar do slam, pois encontram



com outros jovens poetas, circulam mais pela cidade para participar ou assistir as competições de poesia, acessam espaços até então interditos a eles, como por exemplo, se apresentar num bairro de classe média repleto de opções de lazer elitizadas.

A este respeito, uma jovem poeta relata: “Eu nunca pensei que eu ia, tá menina, apresentar em São Mateus. Como assim, eu indo em São Mateus pra apresentar! Fui lindona!” (Poeta J. apud NUGEA, 2021).

O que se percebe com a fala da poeta, com a leitura do mapa e com as postagens realizadas nas redes sociais é que por meio do slam os jovens de periferia passaram a ocupar o espaço público, frequentar batalhas na área central e em bairros da cidade, levando suas performances poéticas para escolas públicas, universidades. Também participam de manifestações políticas. E mesmo sendo por diversas vezes criticados, perseguidos e reprimidos, seguem *naquela fé* e assim vão conformando redes amplas e complexas, criando estratégias plurais para fazer uso da cidade, garantir seus direitos e superar os cerceamentos e limitações de mobilidade. Fazem isso questionando privilégios, criando tensões e enfrentamentos contra a distinção territorial e a corporificação dos direitos.

Em seu estudo Almeida (2013) mostra que os coletivos culturais de jovens de territórios populares unem a fruição e o lazer à estratégias políticas de comunicação com outros jovens e com a sociedade. A este respeito, uma jovem poeta de 20 anos, vai afirmar:

Antes de escrever poesia eu era uma estrangeira na minha cidade, eu não sabia como estar na cidade, agora eu sei. É questão de pertencer a cidade de fato, a gente pertence a cidade ocupando ela com a nossa poesia (Poeta D. apud MARQUES, 2018).

Estar nas ruas batalhando poemas é uma interessante tática de visibilidade do corpo jovem periférico. Através da apropriação do espaço público, a denúncia, a reivindicação e a festa penetraram nas práticas socioespaciais desses sujeitos que passam a se articular e a circular também em busca de lazer e para encontrar amigos, que agora estão espalhados pela cidade. Nesse sentido, percebe-se que os jovens aumentaram suas redes de sociabilidade presenciais e virtuais, e circulam de forma mais intensa por Juiz de Fora, apropriando-se dela com suas corporeidades. Como os poemas em performance apresentados no slam precisam ser autorais, os jovens poetas vão partir dele, mas não só, para “fazer e contar a sua própria história” (ESTRELA D'ALVA, 2014, p. 08).

De acordo com Damasceno (2020), a presença do corpo desses jovens no espaço público é uma subversão, uma atitude revolucionária que abre a cidade – cada vez mais privatizada, desencarnada e esvaziada de tempos e espaços de encontros e convívio - para a política, porque



convoca sujeitos diversos, diferentes e desiguais a estabelecer debates públicos. “Aparecer é pressuposto para reivindicar” (DAMASCENO, 2020, p.112) afirma a autora. Nesse entendimento, ao se apropriar da cidade através dos seus corpos, os jovens poetas pensam e agem no sentido de disputar imaginários e perturbar a imagem de tranquilidade e consenso que os sujeitos dominantes tentam forjar (BRITTO; JACQUES, 2009). Fazem isso não só com a sua presença, mas, também com a poesia que de seus corpos emana no slam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cidade mineira de Juiz de Fora, o slam chegou por iniciativa de jovens moradores de um bairro periférico, que mesmo sem qualquer equipamento cultural, emana do alto de seus morros arte, cultura e informação. Rapidamente ganhou força, atraindo e incentivando poetas, se multiplicando como uma célula revolucionária, espacialidade de encontros onde a arte frui ao mesmo tempo em que se faz política. Esses sujeitos ao ocupar a cidade com suas narrativas se colocam num campo de disputas em torno da produção do espaço, entendido aqui como produto social fruto do movimento contraditório e conflituoso das ações e intencionalidades dos distintos sujeitos (LEFEBVRE, 2000; SANTOS, 2006). Nesse processo, conformam o seu modo de ser jovem e de viver a juventude e tensionam o imaginário e os sentidos hegemônicos que se tem sobre seus corpos e seus territórios. O que se percebe, portanto, é que os jovens poetas do slam em suas estéticas, performances, *corres*, encontros, conflitos, modos de ser e de se anunciar vão compor uma cartografia repleta de relações e interseções. Se aproximar dela buscando entender quem são esses sujeitos, como percebem a si, a cultura que produzem e a cidade, como a vivenciam e a desejam, qual a força dos encontros e do slam em suas vidas, são interesses da tese em curso.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. S. Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 56, p. 151-172, jun. 2013.
- ALMEIDA, R. S. Cultura e periferia em movimento. **Revista E - SESC**, São Paulo, nº 223, jan 2015.
- BARBOSA, J. L. Palestra do Prof. Dr. Jorge Barbosa (PPGEO/UFF) I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidade Instituto de Ciências Humanas Universidade Federal de Juiz de Fora 6 de outubro de 2011. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, número especial, v.3. 2013.
- BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Corpocidade: arte enquanto micro-resistências urbanas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21 – n. 2, p. 337-350, Maio/Ago. 2009.



CASSAB, C. **(Re) construir utopias: jovem, cidade e política**. 2009. 228f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

CASSAB, C. Da casa para a rua: a dimensão espacial da juventude. In: CAVALCANTI, L. S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (Orgs.) **A cidade e seus jovens**. Goiânia: PUC Goiás, 2016, p.137-158.

DAMASCENO, I. Estéticas de atitude na reinvenção do espaço público em Fortaleza – CE. BARBOSA, J. L.; DAMASCENO, I. (Orgs.) **Juventudes das cidades**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020, p.99-119.

D'ANDREA, T. P. 2013, 309f. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. Tese (doutorado em sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24. p. 40-52, set-dez. 2003.

ELMOR, C. Série mostra como o slam está criando uma geração de poetas em JF. Jornal Tribunas de Minas, 15 de abril de 2018.

ESTRELA D'ALVA, R.. **Teatro Hip Hop: a performance poética do ator-MC**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Tradução de D. Pereira e S. Martins. Paris: Anthropos, 2000.

MARQUES, N. Trabalho Geografia das Juventudes - poetas do slam. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=alP_FdM9qAM>. Acesso em: 16 mai 2021.

MARQUES, V. 239 f. **Sociedade dos poetas tortos: a primavera periférica**. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em educação – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2019.

MENDES, M. **A Idade do Serrote**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

NUGEA. Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação. LIVE DO NUGEA: Juventudes e cultura periférica em tempo de pandemia. **YouTube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3RM6dVywQKU&t=17s>>. Acesso em: 16 mai 2021.

OLIVEIRA, T. A.; SOUZA, L. A.; FERREIRA, C.C. M.; CASSAB, C. O conforto térmico como dimensão do habitar em conjuntos habitacionais: o caso do parque das águas em Juiz de Fora – MG. **Entre Lugar**, Dourados, MS , v. 10 , nº 20, 2019.

ROSA, C. L. S; FANTIN, N. R.; OKADA, Y. S. A territorialização dos espaços de lazer em Juiz de Fora: direito ou privilégio?. **Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes**, [S. l.], v. 8, n. 21, 2020.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA

EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SILVA, J. S.; BARBOSA, J. L.. As favelas como território de reinvenção da cidade. **Cadernos de Desenvolvimento Fluminense**, Rio de Janeiro, n., 2012.